

# Gaiato

27 DE ABRIL DE 1974

ANO XXXI — N.º 786 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

## O NOSSO JORNAL

**T**ALVEZ imensa maioria dos leitores nunca tenha reparado num pequenino pormenor impresso na base do cabeçalho, à direita: Preço 1\$00. Assim é há trinta anos — quantos «O Gaiato» conta. Hoje vai reparar porque lhe chamamos a atenção. Porém, em vez de um escudo, lerá dois.

Não seria necessário justificar esta medida se ela partisse de nós... É tanta a força da sua evidência que até nos não pertence a iniciativa. A nossa decisão segue a voz do Povo, que se tem pronunciado ultimamente, muitas vezes e de muitos modos, um dos quais aqui dou à estampa, à maneira de legenda: «Como alguns jornais já subiram o seu preço e consta que todos vão subir, não é justo que com «O Gaiato» suceda o mesmo?»

E os nossos leitores não se ficam na pergunta. Respondem logo. Fazem eles a subida, consoante o parecer e o poder de cada um.

**A voz do Povo é voz de Deus.** Por ele cumpre o Senhor a Sua promessa: «A quem procura o Seu Reino e a Justiça, tudo o mais por acréscimo». Pai Américo bem o sabia. Por isso nos avisou: «Não sejam solícitos em pôr a preço os jornais ou edições que saem dos nossos prelos. É melhor deixar tudo à generosidade espontânea de cada um». E nós assim fazemos: não somos solícitos; correspondemos à solicitude que a Justiça desperta e o Amor fecunda. Portanto, o preço impresso no cantinho direito do pé do cabeçalho, passado este número do jornal, voltará a ser um pormenor despiciendo em que imensa maioria dos leitores não mais reparará. Se aceitamos a mudança é para termos uma resposta mais justa e actual aos raros que nos perguntam: — Quanto é? E, sobretudo, para esclarecimento dos nossos vendedores: para que eles apreciem no subir da receita, a justiça dos seus «fregueses» e a não tomem por favor. Nesta mente, já começámos a contabilizar os jornais vendidos a mais de 1\$00 por unidade, para os situarmos na pista da realidade.

Não vejam, pois, os leitores, neste esclarecimento, um queixume a propósito da subida vertiginosa, enervante mesmo, do custo de vida. Lamentamo-la, sim, a respeito de tantos indefesos e também dos que, querendo defender, não são capazes. Quanto a nós, o «Banqueiro» está fora do jogo das mundanas contingências. É tão estável o Seu poder, tão segura a Sua misericórdia que, não tendo Pai Américo buscado senão nEle o fundamento para os seus voos — divinamente audaciosos; humanamente loucos — pôde escrever, logo no princípio, uma verdade que não se desvaloriza: «Não o seremos jamais condicionados nem limitados pelo dinheiro».

O problema que verdadeiramente nos preocupa quanto ao nosso Jornal é a falta dos materiais com que o fazer, nomeadamente o papel. Tal espectro obriga-nos a pensar em soluções de emergência: Redução no formato?... Redução na periodicidade?... E, embora na esperança de que também neste ponto Deus há-de providenciar e talvez nem sejamos obrigados a qualquer daquelas medidas, não podemos, desde já, deixar de procurar com o máximo cuidado que nenhum jornal se perca, que a sua mensagem quede inútil. Nesta perspectiva e com prioritário respeito pelos nossos assinantes, em vez

Cont. na QUARTA página

## FESTAS

Se até agora a vida cá de Casa já era ar de festa, nestes dias de férias e nas vésperas da romaria todas as horas são de música, de dança, de vestir e despir roupas, calçar e descalçar pés, ir e vir à sala de costura e alfaiataria. As Festas são o grande movimento do ano. Andamos todos no ar!

O grupo está à minha beira a fazer um ensaio geral. Eu não atino no que hei-de escrever, pois fujo todo para o melo deles. Os «Batatinhas» têm números que nos comem!

De manhã, o Martins veio desabafar: — Já reparou que todos os números são formidáveis?! Olhei-o a sorrir e ambos ficámos felizes.

Todos os números são formidáveis e mais ainda os seus actores.

Padre Horácio

Itinerário dos nossos festeiros do Centro e Sul: ABRIL: 27, Mira; 28, Palmela; 29, Covilhã; 30, Fundão.

MAIO: 1, Castelo Branco; 2, Lisboa; 3, Marinha Grande; 4, Cantanhede e Alcácer do Sal; 5, Vendas Novas e Arganil; 7, Anadia; 9, Mealhada; 11, Pombal.

## LOURENÇO MARQUES

A nossa vida de Padre, da Rua anda tão amarrada ao sofrimento, como a dos nossos Rapazes aos males de que são vítimas. A deles, fruto do mal que os homens procuram e rejeitam; a nossa, ceileiro de recolha onde cada dia e a cada hora cabe o sofrimento de todos. A capacidade é suportada pela estrutura da nossa Fé. Cristo veio ao encontro do homem, precisamente no que todo ele, seja qual for a sua condição social, a sua cultura ou o seu credo, tem de comum — o sofrimento. Todo o homem, porém, tem medo de sofrer. Todos receiam o padecimento físico ou moral, seja motivado pelo que for. Todos fogem, todos se interrogam: porque não evitar ou não suprimir o sofrimento?

Cristo escolheu sofrer. Foi para isso

mesmo que tomou um ser de carne igual ao nosso. E nesse ser de carne, Ele experimentou toda a extensão do mal físico e moral, toda a sua profundidade, até ao esgotamento, até as forças humanas não suportarem mais e o Seu Espírito Se libertar do corpo.

Assim, Se fez Irmão de todos os homens. Assim, Se fez igual a todos, porque todos temos de passar pelo sofrimento. E só no fim dele há libertação. Sem sofrimento não há vitória!

Sofre-se muito e de muitos modos. E o que mais me toca a mim e que de certeza me faz mais igual a Ele é que sofreu por querer, por causa dos outros.

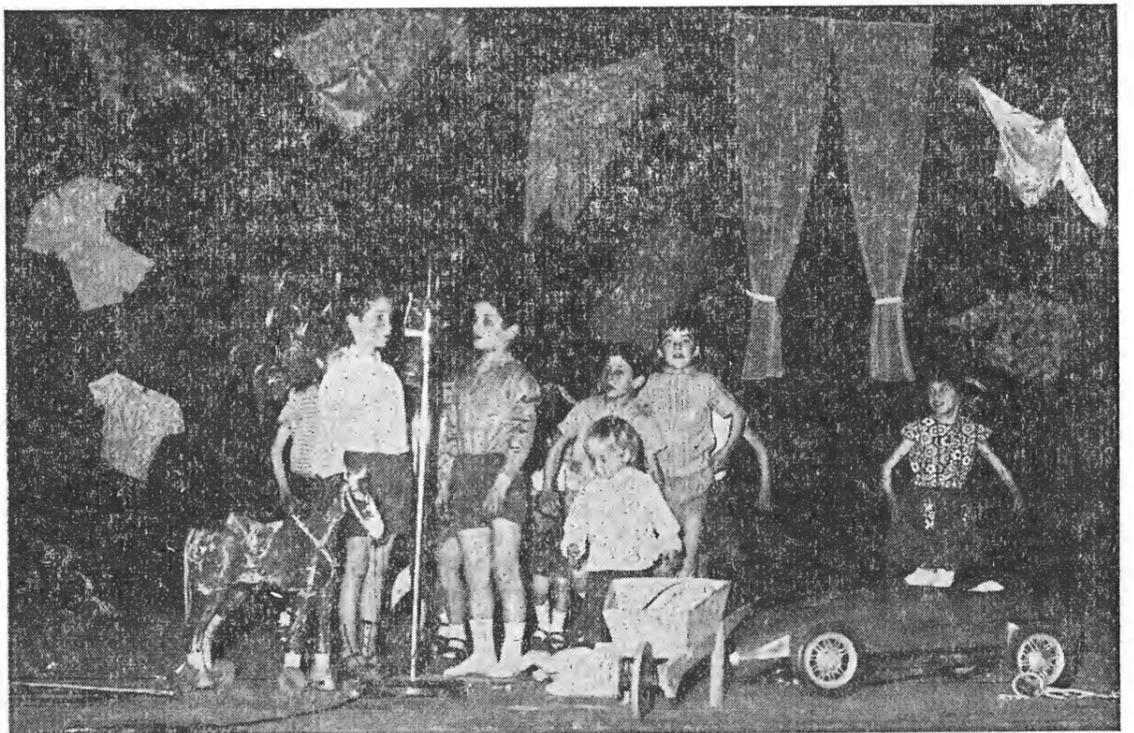
Ando à procura; quero ver os Rapazes felizes à minha volta. Mas é de dor

o caminho que me é forçoso trilhar. Não é que queira levar os outros a sofrer como eu; não é que queira levá-los pelo caminho do sofrimento. Mas não encontro outro por onde ir ao encontro deles.

Não creio, até, que para os encontrar haja que procurar outro. É um caminho de Cruz o que tomei. No cruzamento com o caminho deles está ela. Não uma cruz deitada por terra, mas levantada ao alto.

Foi assim que a humanidade de Cristo se cruzou com toda a humanidade. É ali que tenho de me encontrar com Ele e com os outros, meus irmãos. Nunca será possível um encontro com os que fogem ao sofrimento; os que se desviam; os que param

Cont. na 3.ª página



Os «Batatinhas» têm números que nos comem!

# PELAS CASAS DO GAIATO

## LOURENÇO MARQUES

**CARNAVAL** — Como já vem sendo hábito, mais uma vez fomos rodeados por forte amizade que há bastante tempo se vem prolongando, por meio de convívio da parte das simpáticas «guias» das Escuteiras.

Já alguém fez notar nestas páginas, que têm deixado muitas das várias diversões que existem em Lourenço Marques, para virem até nós. Quero frisar aqui, e em nome de todos os meus colegas, o agradecimento pela alegria e amizade com que nos têm mimado, essas simpáticas jovens. Este Carnaval veio demonstrar a amizade sólida que estas moças têm por nós.

**OBRAS** — Estamos com os acabamentos do primeiro andar da casa 2, que comporta 20 rapazes, para podermos atender os muitos pedidos de ingresso.

**CAMIÃO** — Já há muito tempo que andávamos necessitados de um novo camião. Tínhamos um que já não conseguia dar conta do recado. Tivemos agora a oportunidade de comprar um novo. O Quim até tinha medo de sair com o velhinho, mas agora já não há desculpas.

**OFICINAS** — Estamos a trabalhar nos acabamentos da estrutura metálica para a nova oficina de serralharia. Vamos ver se para o fim do ano já a temos montada.

**COLABORAÇÃO** — Não quero deixar de frisar, nestas páginas, a colaboração e boa vontade com que a menina Trindade nos tem ajudado. Ela, sendo enfermeira e trabalhando, dedicava o seu tempo livre a ajudar-nos. Em nome de todos os meus colegas, agradeço-lhe tudo o que por nós fez. O nosso muito obrigado. E que também volte para o nosso convívio, depois das suas férias — que bem necessitados de Senhoras estamos nós.

*Adorindo Sequeira dos Santos*

## MIRANDA DO CORVO

**LAVOURA** — Vêm-se aqui e além a surgir da terra, nas leiras da nossa vinha, as folhas das batatas que plantámos há semanas. O trabalho foi demorado, o que não é costume, e árduo. O grupo não era grande: quatro ou cinco das oficinas e mais dois ou três que não têm trabalho fixo, ajudados pelos pequenos da primeira e segunda classes, que não têm obrigações a cumprir e que são poucos, da parte da manhã e pelos da terceira e quarta, que estão nas mesmas condições e são ainda em menor número, da parte da tarde. Agora iremos plantar nas terras da quinta o resto da batata de semente

**gaiato**

que tiramos da colheita do ano passado em que tivemos bastante. Queira Deus que tenhamos uma boa produção; aquelas folhinhas que se encontram já ao cimo da terra passaram a sua primeira prova e dura que foi! Cerca de duas horas consecutivas de granizo a martirizá-las. Couves; pessegueiros e ameixoeiras em flor; macieiras e pereiras de folhas viçosas que rebentam; favas; e ainda os soalhos da nossa casa — também tiveram parte no castigo. Umás ficaram com as folhas salpicadas, aparentando terem sido invadidas por praga de gafanhotos que, por serem enxotados, não as roeram dum lado ao outro; noutras, parecia terem colhido as flores para as espalharem no chão em volta do tronco, na superfície limitada pelas copas; ainda outras davam a impressão de terem passado bastante sede pois estavam murchas; nos últimos, refiro-me aos soalhos, para os atravessarmos quase que tinha de ser a nado! Bonito estava o nosso campo, pois parecia que tinham espalhado enormes confeitos brancos em toda a sua superfície. Esperamos que este mini-dilúvio não venha afectar muito as sementeiras.

**PECUÁRIA** — Nestes últimos dias a família que habita as nossas pocilgas, que não pode ser outra senão a dos porcos, foi aumentada em mais 33 elementos. Quatro das nossas porcas tiveram criação: 3 delas tiveram 8 cada e outra teve 9 filhos. Num aumento assim tão grande já não havia currais que chegassem; e assim há já outros compartimentos da casa que não são bem lugar de porcos, ocupados por estes. Trata-se do nosso alambique que, como é óbvio, neste período do ano já não está em funcionamento. Mas, como agora há falta de produtos alimentares é natural que nos desfaçamos de alguns dos mais graúdos e assim volte tudo à normalidade e às suas funções até que outras porcas tenham as suas ninhadas e nos complique de novo a vida, o que pelos cálculos dos nossos tratadores está para breve. Que todas as complicações fossem estas...

*Lita*

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**PÁSCOA** — Na Quinta-Feira Santa alguns dos nossos Pobres — os fisicamente melhores — participaram nas cerimónias litúrgicas na Capela da Casa do Gaiato. E, após as solenidades, jantaram com a Comunidade. É companhia que não dispensamos e que, há muito, faz parte das tradições da nossa Aldeia.

No Sábado Santo visitámos todos os Pobres, a quem minoramos dificuldades. Levámos o Folar, em que não faltou pão de ló. Não temos coragem de revelar em quanto orçou a despesa! A vida, hoje, está numa forma que apenas os solidamente instalados é que não dão fé — favorecidos pela própria conjuntura...

Abençoada Igreja que, sem demagogia, resolveu — como temática e acção de primeira linha — despertar os cristãos; chamar a atenção,

sobretudo dos homens responsáveis para as terríveis injustiças sociais de que tantos Pobres são vítimas, seja onde for, nos quatro quadrantes deste mundo cada vez mais pequeno...

**CONTAS** — Como é hábito, temos o prazer de revelar aos nossos leitores o balanço sintético das nossas contas, isto é, da ajuda prestada aos Pobres de Paço de Sousa, em 1973.

Numa despesa que orçou em 60.920\$40 — de auxílios domiciliários, na doença, na habitação, etc. — os nossos Leitores participaram com 39.081\$70. Graças a Deus, pela vossa generosidade cristã!

**DONATIVOS** — Na frente segue Lisboa com uma «pequena lembrança para os vossos Pobres» e «para vós muitas bênçãos do Céu». Retribuímos, com amizade. Outra vez Lisboa, agora com 50\$00 e esta legenda: «Por Jesus Ressuscitado, uma pequena migalha para a Páscoa dos nossos Irmãos pobres, e pelo Amor e pela Paz entre os Homens». Da América do Norte, 10 dólares. Mais uma boa «lembrança para as amêndoas dos vossos Pobres e meus, também» — de Barcelos. Cabeceiras de Basto, 50\$00. Alice Pequena, o dobro. Outra vez Lisboa com a *fatia* de um *bolo* distribuído por vários sectores. Mais 50\$00 de visitante muito amigo, que fora *embarcado*. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais 50\$00 da assinante 17022. Mais 100\$00 da Rua Ferreira Borges — Coimbra. Metade de velho Amigo de Ovar. Ainda 100\$00 de Lisboa, M. A. Rabaça. Mais 100\$00 «para ajudar à compra de algo que dê ares de Páscoa na mesa dos mais pequeninos da vossa Conferência, nesse Dia da Ressurreição do Senhor».

Por fim, outros 100\$00, nesta carta de Gondomar:

A casa do Eduardo, o pedreiro que tem 9 filhos, vai subindo. Tomámos à nossa conta o fornecimento dos materiais. Vamos, deste modo, repartindo o fruto do nosso trabalho e as migalhas que podes em nossas mãos de maneira delicada como a daquele casal amigo que hoje nos procurou para nos entregar 5 notas de mil por ter vendido uma casa com a promessa de nos dar uma parte do produto da venda.

Quando mergulhamos na vida real dos que nos rodeiam, ficamos inquietos. E não temos repouso enquanto não semeamos a mesma inquietação nos que nos ouvem e nos lêem.

Ao pé da casa do Eduardo, onde ontem fomos descarregar tijolo, há um monte de casebres, onde não se vive, mas se vai morrendo a pouco e pouco. Entramos na barraca da Isabel, mãe de 5 filhos — o mais velho de 7 anos, e o mais novo, no regaço da mãe, vai sugando restos de leite do seu peito seco. Apenas uma divisão. Apenas uma cama. No chão nu, coberto por esteiras que secavam ao sol, dormem

«Eu e Ela não queremos nem devemos celebrar a nossa Páscoa sem a nossa presença espiritual junto dos vossos tão amados Pobres, para que a sua Páscoa também seja vivida com mais alegria em Cristo.»

Juntava uma rica poesia dedicada aos Gaiatos de hoje, «Batatinhas» de ontem!

Santa Páscoa para todos. E um muito obrigado — em nome dos nossos Pobres.

*Júlio Mendes*

## Paço de Sousa

**PÁSCOA** — Hoje um dia esplêndido, cheio de sol que penetra nos nossos corações e faz vibrar os nossos olhos. Será talvez um sol que curou tantos leprosos, cegos, etc. e nos quer iluminar com a sua graça, as nossas almas?

Realmente é tempo de nós reflectirmos um pouco, esta Semana Santa; se foi ou não justo um doloroso sofrimento, que nos encarna, no nosso espírito.

No meu pensamento, muito simples, por exemplo sobre a Natureza que nos rodeia, cheia de imensas cores, o vento que não vemos nem apalpamos, mas notamos, há um Comando central... que nos leva a reflectir.

**VISITANTES** — Ena pá! Agora até parece que nos querem cercar! Quase todos os dias desta semana, fomos visitados por várias excursões, algumas até do Sul! Isto, de facto, é interessante. Imaginem lá o que não foi daqui de recordações... Pois todos os dias vai e vem um punhado de correio dessa juventude que nos vem visitar.

Pois continuem a visitar-nos; não só a nós mas às construções em pedra feita pelos nossos velhos irmãos. E para nós até é uma maneira de convivermos com um certo à-vontade.

**TROPAS** — Este ano já cá vieram passar as suas férias dois nossos tropas. Um foi o Álvaro que já abalou, outra vez, há uns meses. Encontra-se em Moçambique. O segundo é agora o nosso amigo Manuel dos Santos, a cumprir o serviço militar na Guiné. Isto deles virem cá passar as férias, para nós é uma satisfação; há sempre aquelas saudades...

Partiram agora mais dois: o Faísca, e o Marcelino. Para eles, boa viagem!

**ARTES GRÁFICAS** — Começamos a ter umas aulas regulares de noções de Estética em função das Artes Gráficas, com a colaboração de um nosso amigo — pintor de renome e projectista gráfico. É mais uma oportunidade, muito valiosa, para a completa formação dos nossos profissionais gráficos.

Ele é uma pessoa muito simples; gosta de falar, explicar e ensinar tudo quanto sabe.

«POP» E «LEÃO» — Os nossos cães estão muito velhos; já perderam as suas forças dinâmicas. Pois todos os dias quem passar pela frente da Capela, lá estão eles, um de cada lado da porta. À tarde, depois de darem uma volta pela quinta, regressam ao mesmo sítio. Mas, quando estamos no Terço ao ar livre, eles sentam-se em frente de nós e acompanham o nosso Terço.

São nossos companheiros de dia e de noite.

*João Paulo Mendão*

## AREIAS DO CAVACO

Os filhos. O companheiro da Isabel ganha uma ridícula. Também quer construir a sua casa e ter camas para os filhos. Vivemos numa terra de mártires. Não podemos ficar indiferentes. Há muito dinheiro nesta terra; mas são maioria esmagadora os que injustamente são privados do mínimo necessário. Um grande abismo separa os homens.

XXX

O Augusto precisa de uma casa. Tem um rancho de filhos. Por morada, uma choupana. As chuvas que caíram, entraram pela palha que servia de tecto e ele veio a correr por umas chapas de lusalite. Queremos ajudar o Augusto; mas tem que esperar ainda um pouco de tempo, porque, de momento, não podemos mais.

Se é motivo de sofrimento e humilhação não poder dar a mão no momento oportuno, consola-nos a esperança de ressurreição para tantas criaturas à nossa volta, onde a miséria assentou arraiais. O desejo de ter uma morada digna; a dor que sentem por viver assim; o querer subir pelo caminho da dignidade, que palpita no mais íntimo destes seres, dignidade igual à de cada um de nós — é sinal de vida; é sinal de que não estão mortos. Eles chamam por nós. Não podemos ficar surdos. Somos homens. Eles também são. Somos cristãos. Eles são nossos irmãos. Cristo Jesus, pelo mistério pascal que acabamos de viver, «anunciou a salvação aos Pobres, a libertação aos Oprimidos, a alegria aos que sofrem».

**Pe. Manuel António**

Nos últimos tempos a *procissão* de novos assinantes cresceu muitíssimo! Tanto, que é mesmo impossível fazer um relato sumário das presenças. Daria quase um «Famoso»! Vamos, então, optar por uma selecção que nos possa dar uma visão geral do interesse de todos e cada um dos novos leitores ou seus proponentes.

### ● VOZES DE EMIGRANTES

Devemos assinalar, com relevo, a presença de Emigrantes. São cartas cheias. Vivas. Pujantes de vida! E que, por vezes, revelam um extremo cuidado em difundir «O Gaiato» na roda de amigos e conhecidos. Como esta, de França:

«Obrigado pelo bem que «O Gaiato» nos faz. Depois de em casa ser lido, sempre o passo às casas de outros portugueses. Numas não lhe ligam, mas noutras lêem e é o que interessa. Alguma coisa ficará a germinar do bem que actualmente o mundo está precisando.»

E mais esta, da Alemanha:

«Queira V. desculpar-me de apenas ser até aqui um admirador de «O Gaiato». Hoje sou um assinante, pela mão de uma senhora amiga, considerada de minha família. O jornal dá-me muita coragem e alento, na minha qualidade de emigrante, para enfrentar o meio onde vivo, longe da Pátria e de familiares...»

## NOVOS ASSINANTES DE «O GAIATO»

### ● «O GAIATO» NAS FAMÍLIAS

A paixão pelo «Famoso» transmite-se de pais a filhos, de tios a sobrinhos, etc. E, daqui, irradia pelo Mundo. Olhem para o Lavradio:

«É com o maior agrado que leio o vosso Jornal, sempre de uma ponta a outra e só tenho pena de ele não entrar em todas as casas. Não sou assinante porque quando a minha filha mais velha nasceu fiz a assinatura para ela e, portanto, vem para a minha casa, mas em seu nome.»

(...) Já há muito que é meu desejo arranjar mais assinantes e, por agora, só consegui ainda dois cujos nomes e direcções são as seguintes... Logo que possa darei mais notícias com novas assinaturas de «O Gaiato»...

Presença de Coimbra — muito oportuna!

«É favor não enviarem o vosso Jornal para a rua... visto que meu Pai foi chamado a Deus. Em sua substituição poderão enviá-lo para meu irmão...»

Com a tremenda falta de papel que nos angustia — não poderíamos ser um País auto-abastecido?!... — sem esperanças breves de melhores dias, estas

e outras oportuníssimas substituições revelam uma colaboração eficaz — para evitar estragos de jornais!

### ● PREVALÊNCIA DA ASSINATURA SOBRE A VENDA AVULSO

Não quereria chover no molhado. Revelar quanto sofremos com a carência de papel — que nos forçou a diminuir a tiragem para a venda avulso! Por isso, nunca, como hoje, foi tão necessária a prevalência da assinatura sobre a venda nas ruas. Custa. Eu sei que custa a muitos amigos, também. Mas tenham paciência. Colaborem. Sacrifiquem o prazer do contacto com os pequenos vendedores e inscrevam-se como assinantes.

Agora, desfilam alguns decididos. Como este, de Tomar:

«Aproveito para vos pedir que me considereis vosso assinante de «O Gaiato», pois tenho algumas dificuldades em o arranjar ao domingo. Gostaria de receber já o próximo número, se fosse possível...»

Mais Castelo Branco:

«De acordo com a orientação apontada no último número de «O Gaiato», peço me considerem assinante do Jornal pela quantia anual de 200\$00. Agradeço que procedam à cobrança como melhor entenderem...»

E Luanda:

«Encontro-me retido na Casa de Saúde... Foi necessário este internamento para arranjar tempo (ou disposição?) e escrever-vos. Desde há muito leitor do «Famoso», só agora venho solicitar a minha inscrição como assinante! Isto porque não quero perder a leitura de todos os números, que são tesouros de uma espiritualidade autêntica.»

Pretendo ser assinante porque nem sempre consigo obter o «Famoso» na distribuição avulsa...»

## Lourenço

## Marques

Cont. da PRIMEIRA página

ou hesitam no andar. Os que não chegam até ali, não podem encontrar-se comigo nem com Ele. «Estou pregado à cruz com Cristo.»

E se a angústia me tolhe por me ver só, a Fé me dá ânimo por estar no meu lugar. Até que o meu espírito se liberte, até que o meu corpo se rompa e quede deformado e o absorva a terra que o alimentou. Caminharei, enfim, livre e feliz para Aquele por Quem o sofrimento me transformou.

Pe. José Maria

### ● ENTRE OS JOVENS

A presença de Jovens alegranos muitíssimo! E, graças a Deus, não faltam leitores interessados em difundir «O Gaiato» entre a Juventude. Aqui está um:

«Sou secretário do Clube... aonde se costuma reunir, diariamente, a gente jovem da cidade, especialmente estudantes.»

(...) Porque considero «O Gaiato» um ótimo elemento de formação, peço que inscrevam o Clube no número dos vossos assinantes...»

De Lisboa, um alegre desabafo:

«De todos os assinantes que, ao longo dos anos, tenho proposto, posso dizer que este é o que me dá maior satisfação, por se tratar do mais novo, pois tem apenas sete anos de idade...»

### ● MAIS LEITORES!

Vamos terminar. Com chave d'ouro! A palavra de Pai Américo — que nos enche a alma:

«Uma palavra de infinita gratidão a todos quantos coligem

nomes de assinantes e também àqueles que, pelo seu pé, vêm fazer a inscrição. Sois os Cruzados de uma causa santa. Arautos do Evangelho. Consoladores de almas. Tenho inúmeras cartas aonde, com a importância da assinatura, vem juntamente um sentido «bem-haja a pessoa que se lembra do meu nome e me increve». Essa pessoa és tu. É que ele nunca se viu tal: andar de mão em mão um livro de meditações que se vende nos cafés e nas praças como se fora um jornal! Meditações feitas nos caminhos, nos casebres, nos comboios, nas vielas, no mundo! Meditações que se lêem, com o mesmo agrado e interesse, nas comunidades religiosas, no seio de famílias, nas mesas do café, nos salões ricos, na casa do Pobre. Cores, credos, paixões — nada disto conta. O livro arrasta. Meditações que fazem soltar almas: «Quem dera que todos lessem e aprendessem o Caminho da Eternidade que lá vem tão claro!»

Nunca tal se viu! Que diriam os Manuel Bernardes se cá viessem?!

Pois muito bem. Mais obreiros. Mais leitores. Mais revolução.»

Hoje, como ontem, damos graças a Deus!

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

Finalmente chegou o dia em que a nova casa de habitação, para 60 Rapazes, começou a funcionar. Airosa e ampla, com chuveiros e sanitários em número suficiente, água quente e fria, dispõe de uma sala de estar e de convívio e de dois quartos para duas camas, além de três dormitórios, em cada um dos dois pisos independentes que a constituem. Sem música nem foguetes, apenas com a impetração das bênçãos de Deus e a ocupação efectiva pelos seus habitantes se deu, em Domingo de Páscoa, mais um passo em frente na vida desta Casa do Gaiato. Louvado seja o Senhor.

Nesta hora de profundo júbilo não queríamos deixar de recordar aqui todos aqueles que a tornaram possível, sem distinções de qualquer espécie, que seriam discriminatórias. As provas de amizade chegaram a tal requinte que até houve quem se lembrasse de oferecer os panos de pó ou de prever outros pormenores! No Livro da Vida, disso estamos certos, tudo ficará registado.

Esperamos, dentro em breve, dar início à edificação simultânea de duas novas casas, de

um só piso cada, que irão completar a parte dita habitacional da Aldeia. Findo o plano previsto, ficarão os Rapazes alojados em condições de dignidade e libertos os responsáveis pela sua promoção de preocupações materiais do teor apontado. Entretanto, processa-se a construção do parque infantil para os mais pequenitos.

Ao darmos conta do que atrás se expõe, não queremos deixar de manifestar que construir edifícios de cimento e de ferro é afinal muito simples, mas que ajudar um só jovem a ser Homem é trabalho muito mais penoso e difícil, porque, ao fim e ao cabo, essencial. Por isso, lastimamos que, nos tempos correntes, tão propícios à verbosidade, não se vislumbrem vocações conscientes, que não produto de frustrações, para este serviço humilde e apagado embora, mas da maior importância para o futuro de todos nós. Venham, pois, almas dedicadas que nos queiram coadjuvar, ou substituir até, neste combate de amor em que gostosamente estamos empenhados.

Padre Luiz

## Ainda o nosso Jornal

Não seria preciso — creio — documentar o que dizemos no editorial deste número. Mas, surgem estas duas cartas, tão oportunas, tão complementares, tão concorrentes do que no fundo se diz — que não resisto a publicá-las.

«Quando leio «O Gaiato», penso que os Ricos devam pagá-lo a peso de ouro e os Pobres tê-lo de graça, para que todos o lessem como Pão vivo que é. Tenho-o lido quase desde o início da sua publicação e como nunca pagava só o seu custo, pensava que assim era melhor, mas dado o vosso constante apelo para a assinatura, tarde, mas com vontade, cá me encontro a fazê-lo.»

É o único jornal que leio de ponta a ponta, porque é o único elo que me liga à Mensagem do Filho de Deus: «Amai-vos uns aos outros». Amo a vossa Obra como se ela fosse minha, embora nada tenha feito por isso, mas sabe Deus quanto eu gostaria de fazer parte dela. Não estou de acordo com os que dizem que Obras como a vossa não devam existir. E a caridade e o amor com que ela é construída dia a dia, quem os substituiu num mundo em que o egoísmo e o materialismo imperam? Quando no fundo só o amor de uns pelos outros importa, numa vida tão pobre de alegrias e felicidades verdadeiras, daquelas que nos levam a amar mais os outros — o que seria dos homens sem a caridade? Mas caridade como

a d'Aquele que nos amou até à cruz, portanto com todos os sacrifícios que a vida nos dá e que nos devia unir uns aos outros como Ele Se uniu a nós!

Henrique»

«Quando penso que tantos dos jornais e até dos livros, não vos são pagos, o meu «eu económico» sente-se mal. E lembro-me, esta vez, duma sugestão: porque não investigar se alguns dos mais antigos atrasados não terão morrido entretanto? Por cada um que descobrisse nessas condições, eu enviaria um jornal ou um livro a um Professor de Moral das várias escolas do País! Talvez alguns achassem e até pagassem mas, de qualquer modo era uma esperança de divulgação do espírito do Evangelho!

Não levo nada pela sugestão e peço as vossas orações por um pecador impenitente — que às vezes esquece os apelos que o Senhor lhe faz chegar, e pelos quais certamente poderia quase sempre, melhor ou pior, dar uma ajuda aos Irmãos mais necessitados.

O amigo certo,

António»



Já há bastante tempo que não me debruçava sobre as páginas do «Famoso».

Vou contar aqui uma história verdadeira que se passou entre mim e o «João Ratão»:

São notícias íntimas e que, ao mesmo tempo, os leitores que têm um certo amor por nós, poderão assim estar bem juntinhos aos factos do dia-a-dia que por aqui se vão passando.

Ora, certo dia, vinha eu do nosso hospital onde fizera muitos serviços aos meus doentes. Era já noite. Chovia muito. E o vento soprava por vezes com rajadas fortes. A pouco

## O nosso Jornal

Cont. da PRIMEIRA página

de a expandir, como seria desejável, começámos por restringir a venda avulso, de modo que não sobre um só jornal. Aqueles assinantes que, apesar de o serem, compravam o jornal para não despedirem vazio o vendedor com quem se cruzavam, nós agradecemos a sua simpatia e pedimos-lhe que, doravante, seja uma amiga inteligentemente amiga a sua resposta ao ardina que o interpela: — Eu sou assinante.

Os Rapazes compreenderão. Depois desta restrição, temos de dar uma volta ao ficheiro. É curioso que nos últimos meses têm aparecido numerosos assinantes com seis, dez, doze, dezassete anos sem qualquer correspondência à assinatura — a pô-la em dia. Parece uma intuição, um instinto de defesa: «Eu não quero ficar sem o meu jornal». Porque, após sondagem que vamos lançar, teremos de suprimir as fichas daqueles que, não rompendo o silêncio, nos dão motivo para pensar em desinteresse — e o interesse é a pedra de toque, o verdadeiro preço da assinatura.

Mudanças de endereço, falecimento, qualquer irregularidade dos Correios — para tudo pedimos o cuidado e a pronta informação dos nossos leitores. Assim conseguiremos, embora com tiragem limitada, que o «Famoso» se mantenha o mais possível igual ao que tem sido: «desordeiro» quinzenal a perturbar para o Bem a multidão dos seus leitores — a levedá-la com fermento de Evangelho.

TRANSPORTADO NOS AVIÕES  
DA T. A. P. PARA ANGOLA E  
MOÇAMBIQUE



# VISTAS DE DENTRO

e pouco sempre me aproximei de minha casa e, ao entrar, qual não foi o meu espanto ao ver que uma criança miúda chorava a essas horas da noite! Minha casa tem uma grande escadaria; depois uma sala-de-estar; seguidamente, é o meu quarto; depois, o resto da casa dividido em três camaratas. Mas, continuando, dizia eu que me parecia estranho naquela noite, sabendo que todos dormiam já o segundo sono e só este dava ainda sinal de alguma coisa que se passava.

Apressadamente abei-rei-me

dele e perguntei:

— Que se passa? O que é que tens?

Respondeu:

— Doi-me muito um dente e não posso dormir!

— Oh! deixa lá... Faz por te esqueceres disso que eu vou buscar um comprimido.

Depois recomendei-lhe que, se fosse preciso alguma coisa, imediatamente fosse ao meu quarto chamar por mim.

Entretanto, com alguma coisa já feita, tudo parecia mais calmo e eu, cansado dum dia de trabalho, puxei os co-

bertores quanto mais podia. Apaguei a luz. E adormeci.

Passados momentos acordei assustadíssimo. Ouvi, na sala, novo choro de criança. Preocupado, e esquecido já do que se tinha passado, levantei-me; e, ao correr, começava a perceber o porquê desta cena. Ao chegar junto do pequeno, ele sentia-se já quase como se não houvesse nada a fazer!... Tendo assim no pensamento que o destino daquela noite era só sofrer — sem querer incomodar!

Ao chegar-me a ele perguntei:

— Porque não me foste acordar?!

Respondeu:

— Manel, eu cheguei a ir três vezes à beira da tua cama, mas não te queria acordar para não te incomodar...

Depois de ouvir estas palavras e reconhecidamente disse-lhe: **obrigado.**

Como vêem, é uma história quase insignificante e sem nada de maior. Mas, no fundo, devemos dar importância às coisas pequeninas...

Os pequenitos precisam de cuidados e de muitas atenções. É preciso paciência e, sobretudo, ser amigo deles. Há que saber brincar; ensinar-lhes a distinguir o bem do mal. Ler-lhes uma história é sempre tarefa de que eles gostam e muito apreciam. Ao contá-la, é preciso falar calmo e expressivamente. Os gestos são importantes para a imaginação deles; não esquecendo, também, que é preciso simplificar as palavras mais difíceis...

Manuel Amândio

## RETALHOS DE VIDA

### O «PRETITO»



*Gosto muito dos «Retalhos de vida» e julgo que os leitores também gostarão. Vou pois contar a minha história:*

*Chamo-me Manuel António e como apelido sou o «Pretito». Sou natural de Coimbra e filho de pai preto e mãe branca e por isso sou mulato.*

*Tenho um irmão branco, filho de minha mãe, antes dela se juntar com meu pai. E mais dois irmãos mulatos.*

*A minha mãe e o meu irmãozito mais novo vivem no bairro do Património dos Pobres de Coimbra. Meu pai faleceu quando eu era pequenito e minha mãe é muito doente.*

*Antes de vir para a Casa do Gaiato vivíamos numa casa muito velha nos recantos do Bairro da Conchada em Coimbra. Mais tarde mudámos para o Património dos Pobres onde estive cerca de quatro anos. Durante este tempo tive a oportunidade de vir todos os anos para a Colónia de Férias, do que gostava imenso. Estas férias eram passadas na Senhora da Piedade, lugar este situado na encosta da Serra da Lousã. A organização das Colónias era feita pela nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, pois era daqui que iam os chefes de grupo, os cozinheiros, padeiro, etc...*

*O sr. Padre Horácio quando podia deslocar-se de Miranda à Senhora da Piedade fazia-o e ia ficar uns momentos connosco. Assistia aos serões que fazíamos onde tanto cantávamos e quase sempre acompanhados com acordeão pelo nosso professor Carlos Manuel. Ainda me recordo que, cada vez que o sr. Padre Horácio nos aparecia, eu me fartava de lhe pedir para vir para a Casa do Gaiato. E depois de tanto insistir consegui o meu desejo. Estou cá, aproximadamente, há treze anos. Gosto muito de cá estar e sinto-me feliz na companhia de todos estes meus irmãos.*

*Ainda sou vendedor do nosso Jornal, que todos conhecem. E como a minha idade é já um pouco avançada para andar na venda do «Famoso», resolvi pedir ao sr. Padre Horácio para ser substituído. Sou o mais responsável por este trabalho e com certeza que vou deixar falta, mas... paciência. A minha zona é Coimbra e Castelo Branco. Têm-me ajudado muito o carinho, a amizade que todos nos dão.*

*Estou no segundo ano da Telescola e espero vencer. Sou também carpinteiro e tenho uma grande paixão pelas nossas Festas, nas quais sempre tomo parte.*

*Nos momentos livres procuro aprender a tocar viola, que foi a prenda de anos.*

*Tenho sido sempre bem comportado. Fui também chefe dos nossos mais pequenitos e ajudei-os a criar. Eles ainda hoje gostam de mim e mais gosto eu deles.*

*A Casa do Gaiato é para mim a minha grande família, embora eu também goste muito da minha família de sangue.*

*Sinto que foi um grande bem eu ter vindo para a Casa do Gaiato.*

## Parque

Criança que pedala,  
Nos pés a força tem  
E a direcção nas mãos.  
E que o triciclo avance muito embora  
E que os rodados marque,  
De jardim em jardim, de parque em parque,  
Goçando no entretanto  
Os prazeres do invento,  
Ela — a criança — aprende  
Que o triciclo não é  
Mais do que um instrumento  
Que, inerte, mal um pé  
Assenta num pedal  
— Tamanha a sorte  
E tal a agilidade —  
Logo vira transporte  
Da primeira vontade  
Que ela — a criança — tem  
De descobrir a estrada  
Para chegar além e mais e mais além!

E que o triciclo avance muito embora  
E que os rodados marque  
De jardim em jardim, de parque em parque,  
Ela — a criança — agora  
Deduz  
Que toda a audácia a um ímpeto se deve  
E que a vontade é luz.

(Ora esse mesmo rodado  
que serpenteava  
entre as árvores do parque,  
aqui e além apagado,  
esse rodado que eu vi  
e que segui,  
levou-me a saber que o pé  
que ali e além o apagava  
era daquele menino  
que nunca teve um triciclo  
caído pela chaminé...)

Porto, Fevereiro de 1974

SANTOS SILVA